

Artrodese da articulação metacarpofalangeana para tratamento de luxação exposta em eqüino

De Marval, C.A.¹;
Gheller, V.A.¹;
Alves, G.E.S.¹;
Leal, B.B.¹;
Borges, K.D.S.¹

1- Escola de Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – MG

As luxações metacarpofalangeanas (MCF) são pouco freqüentes e ocorrem após a ruptura de um dos ligamentos colaterais. A resolução das luxações fechadas normalmente se dá por meio da redução e imobilizadas com gesso. No entanto, as luxações expostas quase que invariavelmente evoluem para artrite séptica, necessitando de terapia intensiva local e sistêmica, além de imobilização. A estabilidade pode ser recuperada pela imobilização com gesso, ou pela realização de artrodese. O objetivo deste trabalho é relatar o tratamento da luxação exposta da articulação MCF com artrite séptica e perda óssea, por meio de tratamento clínico e posterior artrodese com placa de compressão dinâmica. Recebeu-se no hospital veterinário uma potra com 7 meses de idade que havia sido submetida a um procedimento de herniorrafia umbilical realizada a campo, sob efeito de acepromazina e contida fisicamente por cordas. Percebeu-se alguns dias depois que o MAD (Membro Anterior Direito) apresentava uma fístula na articulação MCF e um desvio angular distal à mesma articulação. Houve informação que os locais fistulados eram os mesmos onde as cordas da contenção foram ajustadas. Após exames clínico e radiográfico, diagnosticou-se luxação exposta da articulação MCF do MAD, com ruptura do ligamento colateral lateral, sendo instituído tratamento sistêmico à base de penicilina procaína, gentamicina e cetoprofeno, e tratamento local diário realizado durante 8 semanas. Após a infecção ser controlada, o paciente foi submetido à cirurgia. Após incisão na face dorsal do membro e curetagem da cartilagem articular, foi utilizada para a artrodese uma placa de compressão dinâmica com 8 furos e parafusos para osso cortical de 4,5mm de diâmetro. De acordo com o histórico, acredita-se que a luxação se deu pelo enfraquecimento do ligamento colateral lateral, que ocorreu devido à isquemia seguida de necrose pela pressão exercida pelas cordas. A ruptura de um ou de ambos os ligamentos colaterais, também foi a causa das luxações observadas por Yovich et al. em 10 animais. A artrodese foi realizada segundo a técnica descrita por Nixon, com a fixação de uma placa de compressão dinâmica na face dorsal da articulação. Pela radiologia pós-cirúrgica, visualizou-se adequada congruência das superfícies articulares e alinhamento satisfatório no sentido latero-medial da articulação MCF. Após três meses e meio de internação, a potra recebeu alta hospitalar, ainda apresentando discreta claudicação ao caminhar, contudo conseguia marchar e galopar quando solta. Os resultados desse caso clínico-cirúrgico encorajam para o tratamento das luxações expostas das articulações MCF em eqüinos, quando se dispõe de recursos econômicos, técnicos e hospitalares.

Corpos estranhos retirados durante a cirurgia e a necropsia em um eqüino

Alves, G.E.S.¹;
Oliveira, H.P.¹;
Pagliosa, G.M.¹;
De Marval, C.A.¹;
Drumond, D.L.¹

1- Escola de Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – MG

A poluição do meio ambiente urbano por diferentes resíduos ou restos de materiais facilita a formação ou a ocorrência de corpos estranhos (CE) no trato digestório de eqüinos mantidos por longo tempo nesse ambiente em particular quando os mesmos desenvolvem hábitos adversos ou carências. Uma égua, SRD, idade entre 12 e 14 anos, escore corporal três, sem sinais clínicos aparentes, e proveniente de

região metropolitana, foi utilizada em aulas práticas concomitantes de anestesia geral e celiotomia exploratória e, a seguir, eutanásia e necropsia. Realizaram-se enterotomia, lavagem de cólons e retiradas manuais dos CE. Uma parte menor dos CE foi recolhida à necropsia. Após a secagem todos os CE foram minuciosamente separados, classificados por natureza e mensurados utilizando-se balanças, paquímetro, béquer e provetas graduadas. O total de CE após secagem pesou 3244,39g, sendo 2471g recolhido à cirurgia e 773,39g à necropsia. Os CE eram predominantemente de natureza mineral, sendo constituídos de *pedra tipo brita* (1640g; 4708un.; 660cm³); *areia* (1562g; 1028cm³); *diferentes materiais metálicos* (21,02g; 70un.; 5,8cm³); *vidro* (17,87g; 61un.; 6,8cm³); *outros* (3,502g; 8un.; 2,0cm³). O desgaste discreto das pedras significa que os CE permaneceram acumulados sob influência de movimento e outras ações no intestino. O tamanho e a localização dos CE dificultaram a retirada cirúrgica total por lavagem contínua com água sob pressão compatível, associada às várias tentativas de retirada manual. Esse fato mostrou a necessidade de melhores recursos para solucionar esse tipo de obstáculo. O predomínio de CE de natureza mineral faz supor que além da impossibilidade de digestão que resultou em acúmulo, o equino ingeriu os CE sob motivação de distúrbio físico e/ou emocional, que pode ter resultado do meio adverso onde viveu durante anos. Apesar das deficiências nutricionais serem sabidamente responsáveis pela depravação de hábitos alimentares, deve-se considerar a possibilidade de distúrbios emocionais quando o indivíduo é mantido em ambientes adversos ao seu habitat natural. No equino deste relato a falta de sintomas ao exame pré-operatório pode ser justificada uma vez que a manifestação clínica resultante de CE não perfurantes no intestino, quase sempre resulta de obstrução. As formas numerosa e desagregada dos CE, facilitaram a sedimentação sem obstrução, assim como o grande diâmetro do lume do cólon dorsal direito. Além disso, a falta de sintomas pode significar que os CE foram ingeridos gradativamente, possibilitando ocorrer adaptação orgânica sem desenvolver lesões além da colite discreta, diagnosticada à necropsia a qual pode ter ocorrido ou se agravado pela manipulação cirúrgica prévia. A ausência de CE em outros segmentos do trato gastrointestinal despertou a atenção e difere do que normalmente ocorre em casos de sablose. O estudo do caso reportado permitiu concluir que houve inter-relação entre as ausências de sinais clínicos detectáveis, de lesões significativas e de obstrução do lume intestinal. Os recursos para diagnóstico e tratamento de casos como o aqui relatado, ainda necessitam ser aperfeiçoados considerando a dificuldade maior quando os CE estão no cólon dorsal direito.

Redução de fratura de rádio e ulna em bezerro neonato utilizando-se de placa óssea de neutralização associada a imobilização externa com gesso e muleta de thomas modificada

De Marval, C.A.¹;
Oliveira, H.P.¹;
Alves, G.E.S.¹;
Chaves, G.G.¹;
Borges, K.D.A.¹;
Faleiros, R.R.¹

1- Escola de Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – MG

Apesar do sucesso relatado na redução de fraturas de rádio e ulna utilizando-se a associação de gesso e muleta de Thomas modificada em bovinos, o uso dessa técnica é limitado em animais de alto valor comercial, devido a complicações como formação de calo ósseo exuberante e desvio angular do membro envolvido. A fixação interna com placa de compressão tem sido o método mais recomendado em animais de elevado valor zootécnico. No entanto, em animais muito jovens, a fina camada cortical dos ossos longos ainda não confere suporte suficiente para esse método de imobilização. O objetivo deste trabalho foi descrever a redução de uma fratura de rádio e ulna em um bezerro neonato, utilizando-se